



série luz e arte

# Vincent Van Gogh

Por Valmir Perez

## O invisível que se manifesta no visível

**NAQUELA TARDE, CAMILLE TERMINARA SEUS AFAZERES** bem antes do horário usual. Movimentando-se rapidamente, tomou seu banho como se tivesse que apagar um incêndio. Suas roupas, já preparadas anteriormente, foram sendo vestidas como se elas próprias tivessem vida e saltassem para seu corpo. Juntou a bolsa com seus apetrechos de adolescente, tomou seu café como quem engole rapidamente um remédio amargo. Ouviu as recomendações rotineiras dos pais e desembestou porta afora do apartamento fingindo leveza e despreocupação. O elevador demorou milênios para chegar e dezenas de anos para abrir as portas. A viagem do nono andar até o térreo, sua rota de fuga, durou mais algumas centenas de anos. Ao adentrar o salão do condomínio, nem reparou que num canto da parede, humilde e digna, floria pela segunda vez uma orquídea branca.

Depois de passar pelo porteiro e dizer um bom-dia sem atenção, tomou o caminho direito da rua. Entre passos rápidos e pensamentos de relâmpagos, instalou os fones do seu mp3. Ligou o aparelho e seus ouvidos foram invadidos por uma música mecânica, repetitiva e rouca. As casas, jardins e edifícios de seu bairro passavam como ventos nas janelas, mas Camille apenas via seu futuro imediato se descortinar diante de seus olhos. Ouvia apenas seus pensamentos sem comando; a música que ainda tocava deixara de fazer parte de seu interesse, tornara-se também um ouvir mecânico. Pelo

caminho, encontrou duas amigas que comentavam sobre outras tantas coisas “muito importantes”, como por exemplo, o novo tênis da moda e o último beijo da novela das oito, que começa às nove.

Ninguém viu ali, na beira da calçada, tímido, doente e pobre, um cachorro abandonado. Elas também não repararam que havia um crescente de lua a zumbir no horizonte. Não viram sequer, quando um casal de corruíras, numa dança frenética sobre a laje de cobertura da padaria, afugentava um chupim malicioso. Não perceberam a alegria da velhinha da casa ao lado, que com extrema delicadeza cuidava de regar suas begônias, e nem mesmo a imensa leveza das curvas da murada da antiga escola, construída por exímios artesãos de outros tempos, em cujo interior, um átrio transpirava paz. Não perceberam também que as cores da fachada da velha igreja estavam um pouco desbotadas e que isso a fazia ficar um pouco mais velha e mais triste. Nem se deram conta de que quando passavam por debaixo dos toldos das pequenas lojas dos árabes, suas peles se esverdeavam e se arroxavam, criando figuras de Lautrec<sup>1</sup>.

Não, elas não viram nada disso. Não sentiram o frescor debochado de uma brisa que quase arrancou o chapéu do vendedor de bilhetes; não sentiram sequer que cada canto das ruas transpirava algo particular. Que cada edifício tem um rosto. Que tudo vive e pulsa e que nós, humanos, “somos fei-

<sup>1</sup> Henri Marie Raymond de Toulouse-Lautrec Monfa (Albi, 24 de novembro de 1864 – Saint-André-du-Bois, 9 de setembro de 1901) pintor pós-impressionista e litógrafo francês. Wikipédia a Enciclopédia Livre: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Henri\\_de\\_Toulouse-Lautrec](http://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_de_Toulouse-Lautrec)



tos da mesma matéria que nossos sonhos” (William Shakespeare). Que cada coisa, cada planta, bicho, espaço, edifício, paisagem e gente, carrega sua própria luz, som, cheiro, sabor, textura e cor. Que a vida que nos cerca não é somente aquela que fala, compra, escuta e anda, mas que tudo vive e pulsa para quem tem olhos para ver, sentidos para sentir.

Elas nem se deram conta de que quando paramos para observar essas coisas simples e verdadeiras, nossas vidas ficam mais ricas, e que nos sentimos mais vivos e mais amantes de nossa curta existência. Aproximamo-nos mais de nosso interior, de nossa alma. Elas nem perceberam que já estavam dentro do shopping, e que agora algo também mudara. Que as energias ali eram outras e que suas vidas estavam escorrendo como areia por entre os dedos de suas pequenas mãos, porque tudo ali respirava algo artificial e pronto para enganar os menos avisados.

Quando se passa ou entra por algum lugar, esse lugar nos fala intimamente se assim o desejarmos. Ele nos fala através de uma língua que usa de nossos sentidos, mas os transcende. É dessa matéria que poetas, músicos, pintores e demais artistas se apropriam e nos trazem para mundos mais sutis onde reina o invisível. É através desse veículo que artistas como Van Gogh, transportam-nos para mundos subjetivos, enriquecendo nossa compreensão e sensibilidade.

### O holandês ruivo

O holandês ruivo, como era carinhosamente chamado pelos poucos amigos que o compreenderam, Vincent Van Gogh nasceu em Groot-Zundert, pequena cidade na fronteira com a Bélgica, em 30 de março de 1853. Filho de Theodorus Van Gogh, pastor protestante, e Anna Cornelia Carpentus, teve mais dois irmãos e duas irmãs. Provavelmente de seu pai, herdou o amor pela humanidade e respeito pelas pessoas, e da mãe seu amor à arte e à pintura. Apesar dos pais enfrentarem grandes dificuldades para educar os seis filhos, Vincent sempre foi um aluno mediano, mas esforçado. Aos dezesseis anos sai de casa para trabalhar. Emprega-se numa galeria de arte, a Goupil & Cie, e quatro anos depois é transferido para Londres;

mais tarde para Paris. Após curto período em Paris, retorna à casa de seus pais e emprega-se numa livraria. Em 1877 sua família muda-se para Amsterdã. Nessa época inicia seus estudos auxiliado pelo teólogo e tio Johannes Stricker, para tentar a admissão na universidade de teologia daquela cidade, mas acaba fracassando. Segue então para a Bélgica onde também fracassa em seus estudos na Escola Missionária protestante.

Em 1879, ainda naquele país, escolhe trabalhar como missionário temporário junto a uma comunidade de mineiros pobres, em Borinage, onde conhece a família De Groot.

Os estudos de desenho, realizados durante todo o inverno nessa região e na casa dos De Groot, desembocam em uma de suas grandes obras, “*Os Comedores de Batatas*”. Durante esses estudos escreve a seu adorado irmão Theo: “Observando continuamente a vida camponesa, em todas as horas do dia, fiquei tão absorvido que quase não penso em outra coisa”<sup>2</sup>.

### O desabrochar de sua arte

Em 1880, aconselhado pelo irmão Theo, resolve dedicar-se definitivamente à pintura, iniciando seus estudos com Willem Roelofs, em Bruxelas, que o aconselha a entrar na Academia Real de Artes. Ali estuda anatomia e perspectiva. Em 1881 muda-se com a família para Etten, Holanda. Ali pede sua prima em casamento, que o recusa terminantemente. Frustrado, parte então para Haia, onde estuda artes com seu primo Anton Mauve.

No ano de 1885 morre o pai de van Gogh e ele parte para a Antuérpia (Bélgica). Com poucos recursos, Theo o ajuda enviando-lhe materiais de pintura. Visita museus e entra em contato com as obras de Rubens<sup>3</sup>. Por essa época torna-se viciado em absinto e mantém contato com a pintura japonesa que o influenciaria no uso das linhas e cores fortes próprias dessa tradição. Em 1886 Van Gogh muda-se novamente para Paris, instalando-se com seu irmão Theo em um apartamento em Montmartre, e logo após, também com Theo, para outro apartamento na Rue Lepic, 54. Trabalha por alguns meses no *Estúdio Cormon* onde conhece vários artistas, entre eles Émile Bernard<sup>4</sup> e Toulouse-Lautrec<sup>5</sup>. Ainda atra-

<sup>2</sup>William Shakespeare (1564 – 1616): poeta e dramaturgo inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo. Wikipédia: [http://pt.wikipedia.org/wiki/William\\_shakespeare](http://pt.wikipedia.org/wiki/William_shakespeare). <sup>3</sup>MÜHLBERGER, Richard. O Que Faz de Um Van Gogh um Van Gogh? São Paulo - SP: Cosac Naify, 1993. Pág. 8. <sup>4</sup>Willem Roelofs (1822 – 1897): pintor holandês considerado um dos precursores da Escola de Haia, um grupo de pintores que se concentrava na atmosfera e no jogo de luzes da natureza. Wikipédia: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Willem\\_Roelofs](http://pt.wikipedia.org/wiki/Willem_Roelofs). <sup>5</sup>Peter Paul Rubens (1577–1640): pintor flamengo inserido no contexto do Barroco. Wikipédia: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Willem\\_Roelofs](http://pt.wikipedia.org/wiki/Willem_Roelofs).



vés de Theo entra em contato também com Monet, Renoir, Sisley, Pissarro, Degas, Signac e Seurat. Em 1887 conhece Paul Gauguin, em quem encontrará um amigo e confidente.

### Os surtos

Em fevereiro de 1888 muda-se para Arles, no sul da França. Ali instala-se num pequeno sobrado que irá decorar com suas famosas pinturas de girassóis, para receber o amigo Gauguin, que dividirá com ele a casa até fins de dezembro de 1888. A convivência dos dois, embora pacífica, também era repleta de discussões acaloradas. Após uma dessas discussões, Van Gogh segue o amigo e lhe desafia com uma navalha. Gauguin, certamente com receio de mais um dos frequentes surtos do amigo, instala-se numa pensão. Nessa mesma noite, atacado por extremo remorso, Van Gogh corta uma de suas próprias orelhas e deita-se para dormir. É encontrado desfalecido pela polícia e internado num hospital da cidade, onde permanece quatorze dias. Escreve para que Theo não o visite, com medo de chocar seu mais querido irmão.

Certamente, já nesse momento, iniciara-se um processo mental que desencadearia o desfecho final e trágico de sua curta vida. Em 1889, com apenas 36 anos de idade, Vincent Van Gogh pede para que o internem num hospital psiquiátrico, numa última tentativa de se livrar dos pensamentos, sentimentos e visões que o atormentavam. É ali, em Saint-Paul-de-Mausole, na região da Provença, que suas pinceladas se tornam mais livres e possuidoras das fortes impressões de movimentos espiralados.

### Os últimos dias ao lado do irmão

Em 1890 muda-se novamente para Paris, em Auvers-sur-Oise, a pedido do irmão Theo, que lhe queria próximo para lhe prestar maiores cuidados. É acompanhado pelo médico Paul Gachet, que não consegue reverter o triste quadro mental do artista. Em 27 de julho do mesmo ano, caminha até o campo e atira contra o próprio peito. Quase desfalecido, ainda consegue caminhar até a pensão, onde dois dias depois, nos braços do irmão Theo, antes do último suspiro, confidencia: "A tristeza durará para sempre".

### O drama de Van Gogh, ou de todos os artistas?

Nas palavras de Argan,

*"Com Van Gogh, inicia-se o drama do artista que se sente excluído de uma sociedade que não utiliza seu trabalho, fazendo dele um desajustado, candidato à loucura e ao suicídio. E não só o artista: uma sociedade pragmatista que atribui ao trabalho a finalidade exclusiva do lucro não pode senão rejeitar aquele que, preocupado com a condição e o destino da humanidade, desmascara sua má consciência. Van Gogh ocupa um lugar ao lado de Kierkegaard e Dostoiévski; como estes, ele se interroga, cheio de angústia, sobre o significado da existência, do estar-no-mundo. Naturalmente, coloca-se ao lado dos deserdados e das vítimas: os trabalhadores explorados, os camponeses dos quais a indústria tira, com a terra e o pão, o sentimento de eticidade e religiosidade do trabalho. Não é pintor por vocação, mas por desespero. Tentara se inserir na ordem social e fora rejeitado; dedicara-se ao apostolado religioso, tornando-se pastor e missionário entre os mineiros de Borinage; no entanto, a igreja oficial, solidária com os patrões, expulsara-o. Revolta-se aos trinta anos, e sua revolta é a pintura: paga-la-á com o manicômio e o suicídio. (ARGAN 1992)<sup>6</sup>*

Depois dessas palavras, fica fácil abstrair que qualquer semelhança com a nossa atualidade não é mera coincidência. O mundo interno de Van Gogh é o da sensibilidade, e o mundo do lado de fora, o mundo que se denomina "real", é o mundo da praticidade, do lucro. A lei do mais forte, do mais apto a enganar e explorar. A lei de uma selva de lógica irascível, onde o paradoxo maior é a ideia do crescimento e do lucro infinitos, dentro de um espaço natural finito. A cosmogonia da insaciável ganância e da eterna dominação sobre o mais fraco.

É óbvio que espíritos mais sensíveis, dotados de sensibilidade amorosa pelos semelhantes e pela vida, são os que mais sofrem. Esses homens e mulheres não se encaixam, não se sintonizam com o rebanho calado e autômato da maioria alienada. São seres sem pátria, sem família, sem descanso. Os absurdos do mundo lhes ferem a alma e a mente, que em determinado momento, sentem-se

<sup>6</sup>ARGAN, G Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. pag. 123/124.

exauridas e fracas, prontas para o desequilíbrio causado pela extenuação contínua. Esses seres são espezinhados, tratados como lixo de uma sociedade baseada na mentira, no medo e no desespero de muitos. Falta-lhes o chão para pisar em mundos rodeados de armadilhas, com tanta miséria e tão pouca felicidade.

A saga de Van Gogh foi e sempre será a de muitos seres que no limiar de suas forças ainda conseguem descobrir a beleza por detrás da miséria. A vida e o espírito que reinam por detrás das simples formas concretas.

## **A vida eternizada na arte**

As obras do mestre são espadas vivas que cortando e arrebatando a ilusão da matéria abrem nossos olhos para o que vive no interior de tudo. Seus retratos não são apenas retratos de pessoas simples que pousaram para uma tela de um louco visionário e bêbado, mas retratos de almas, da energia latente que invade nossos corpos e os faz se mover, perceber, pensar e amar. Van Gogh é o pintor das almas das pessoas e das coisas. Consegue através de suas pinceladas soltas revelar o invisível que importa e que, infelizmente, a praticidade e a ilusão que a vida diária nos impõe, também mascara. Libertando o espírito interno que impregna a matéria, Van Gogh liberta nossos espíritos da ilusão de nosso tempo. Essa foi e sempre será a sua magia, seu trunfo.

Os quadros de Van Gogh exalam vida. Apesar de apenas tinta sobre tecido, não são obras estáticas e mortas. Ali tudo se move, tudo pulsa; o movimento do interior, do sentimento do artista explode e se manifesta surpreendentemente e com tal força que a matéria vira onda, energia e não cessa jamais. As estrelas estão vivas e pulsantes, os campos se movem com o vento, as luzes dos bares faíscam, os rostos respiram. Quase sentimos o cheiro das ruas, dos campos, de seus girassóis, seus apriscos estão crescendo em direção ao céu. Numa cena noturna, a calçada de um bar transforma-se num mundo encantado. As luzes parecem piscar; escutamos os risos e os murmurinhos das moças e dos beberrões, as árvores em volta balançam com o sussurrar dos casais. Uma lua imensa está pousando; essa é a palavra: “pousando” sobre a cena, pois que ela não para e parece que vai beijar a terra. Movimento! Tudo é movimento! Tudo tem movimento porque tem alma. Sem alma um corpo não vive. As obras de Vincent Van Gogh são obras do movimento, do espírito que não cessa de viver.

O artista funda o expressionismo, mas seu expressionismo transcende até mesmo o dos artistas que viriam depois. Segundo Battistone Filho, “*O grande inspirador desse movimento foi Vincent Van Gogh*” (BATTISTONE FILHO 1937)<sup>7</sup>, mas a sua arte, assim como o abstracionismo de Kandinsky, carrega em seu bojo algo mais do que a simples inovação. É fruto de intensa percepção e emoção. Algo que surgiu das entranhas do artista. Suas obras fulguram como a síntese máxima do expressionismo espiritual. Elas resgatam nossa capacidade de conhecer coisas que estão acima e além dos sentidos normais.

## **Como acessar o invisível**

Faça um teste com você mesmo. Entre em qualquer ambiente e perceba o que está se passando ali dentro. Não o que está se passando com as pessoas, mas com o ambiente. Os ambientes têm vida. Perceba isso. Procure um lugar vazio

<sup>7</sup> BATTISTONE FILHO, Dullio. Pequena História da Arte. Campinas SP: Papirus Editora, 1995 - . pag. 112.



ou com poucas pessoas. Uma igreja é um lugar ótimo para se fazer esse teste. Uma igreja vazia, de preferência. Olhe para cada canto ou nicho desse recinto e tente sentir o que se passa no invisível desses lugares. Não tenha pressa, tente apenas prestar atenção no que você sente enquanto está observando. A isso denominamos “apreciar”. Você certamente poderá ter alguma dificuldade quando começar a se exercitar, mas isso logo passará. Não desanime!

Em determinado momento, pronto! A coisa explode e você entenderá o que eu estou dizendo. Como qualquer exercício, algumas pessoas poderão ter acesso rápido a esse mundo, outras terão mais dificuldades, mas é como quando a gente aprende a assoviar ou andar numa bicicleta, quando criança. De repente, a coisa se ilumina. A isso chamamos insight.

### Da totalidade para as partes

Depois que você vivenciar seu insight pela primeira vez, poderá então focar sua mente nas coisas, objetos, luzes, etc. que compõem tal ambiente. Antes não. Isso não vai ajudá-lo. Vai apenas atrapalhar. Sua mente racional, louca por minuciar e separar tudo, vai querer juntar os pedacinhos para ver se daí tira algo maior, algo sintético. A nossa outra mente, a mente intuitiva é que será a sua ferramenta ideal para “entrar” nesse mundo. Ela lhe dirá de cara o que está se passando no invisível. Quando você finalmente conseguir entender como isso funciona, verá quanto a sua intuição está lhe falando, quanto você pode saber e entender sem juntar as peças do quebra-cabeça.

Essa ferramenta, para nós, artistas da luz, é fundamental. É ela quem nos ensina e nos adverte sobre como usar a forma para nos expressar com verdade. Expressar nossa criação de maneira total e não por partes. Alguém já disse que o todo é maior do que suas partes. Isso é uma verdade, mas para enxergarmos o todo temos que deixar de lado nossa mania de contar e encaixar as pecinhas. Temos que pegar um avião direto ao país da totalidade, sem escalas. Para isso, servirá apenas a nossa intuição, que é uma espécie de mente que não se preocupa se aquilo é certo ou errado. É como a lente e o mecanismo de gravação de uma filmadora. Eles não têm preconceitos. Apenas enxergam e gra-

vam tudo. Se fossem preconceituosos, eles combinaríamos: não gostamos do vermelho; não queremos filmar o vermelho. Isso seria um desastre para nós e para os fabricantes de câmeras. Mas não fazem isso, porque não têm preconceitos. Eles gravam tudo: mortes, nascimentos, alegrias, tristezas, etc. Nossa mente intuitiva também faz isso, e é por isso que de vez em quando entramos num ambiente, ou falamos com alguém e não nos sentimos bem, ou, pelo contrário, sentimo-nos maravilhosamente bem. A mente intuitiva está trazendo mensagens do invisível. De algo que ocorre paralelamente à nossa existência normal, assim como as ondas de rádio, de TV e celulares, as quais estão por toda parte, mas apenas as sentimos quando sintonizamos nossos aparelhos eletrônicos. Vamos então sintonizar nossa mente, através da intuição, com essas coisas que também estão por toda a parte e não vemos.

### Ver para quê?

Mas alguém há de perguntar: mas para quê eu preciso disso para fazer meu projeto, minha arte, meu design de iluminação? Ora, precisamos disso porque queremos muito que as pessoas sintam tudo aquilo que estamos expressando. Se soubermos então ligar as nossas antenas e conhecer como funciona esse mundo invisível, fica mais fácil a partir daí, tomar o caminho de volta, torcer o universo (aquilo que está no verso do que é uno) e desenvolver a capacidade de, utilizando as propriedades da luz, das formas, das cores, etc., expressarmos-nos totalmente e não apenas correntemente ou maquinalmente.

Esse exercício também é muito bom para que possamos aprender que a vida mecânica que podemos estar levando nos oferece apenas uma pequena parcela do que é verdadeiramente nosso patrimônio intelectual e espiritual. Somos muito mais do que estamos acostumados a ser, apenas não estamos nos dando o tempo necessário para vivermos mais intensamente.

Através dessa “técnica”, ao mesmo tempo em que temos acesso às malhas mais finas da realidade, poderemos construir mundos mais sensíveis, cuja luz contribua para criar mais do que climas emocionais, criar, conjuntamente com os outros elementos dos espaços, realidades cujas forças se tornem vivas, radiantes de movimentos internos,

assim como as obras de Van Gogh. É através desse mergulho profundo de nossa consciência, nessas outras realidades latentes, que descobrimos as maneiras mais inteligentes e sutis de trazer à tona a verdade também profunda de nossa expressividade. Só podemos dar aquilo que possuímos de verdade. Se vivermos intimamente a experiência, mais certo como dois e dois são quatro, poderemos torná-la visível em nossas obras.

## O valor da apreciação

Não precisamos necessariamente nos tornar taciturnos e tristes como um Van Gogh, a fim de acessarmos esses universos paralelos. Não, não é isso. Esse não é o caminho. Mas precisamos seriamente pensar em porque ou o que está nos roubando a possibilidade de realizarmos isso em nós. Refletirmos se a vida também não está escorrendo por entre os nossos dedos e qual a vantagem que estamos tendo com isso, já que isso está comprometendo inclusive nossa capacidade de conhecimento sensível e criativo.

A criação de uma obra de arte não é algo que nasça sem nosso empenho, sem a nossa participação. A intuição artística provém da nossa ligação com os objetos de nosso interesse. Mais do que isso, de nossa capacidade de apreciar despreconceitualmente o mundo a nossa volta. Para isso é preciso se dar uma chance, um tempo. Como apreciar alguma coisa se estamos com pressa ou preocupados apenas com o lucro? É exatamente por isso que as sociedades que apenas visam o lucro tentam nos fazer acreditar, a todo instante, que o que vale mais é aquilo que podemos ter e não o que temos o direito de ser. Quando fazemos o exercício da apreciação, algo mais nos chega além da percepção da totalidade daquilo que no momento apreciamos. Somos levados a questionar os preconceitos que acumulamos durante nossa existência, por nossa imperfeição ou por imposição externa. A sociedade do lucro sobrevive graças a nossa falta de atenção para com as coisas de nosso cotidiano, portanto de nossa capacidade de questionamento.

Algumas correntes budistas denominam insight ou iluminação quando o ser humano atinge um estado de percepção total da realidade. Segundo eles, quando atingimos esse estado, por amor (ligação positiva com a realidade última) ou meditação (apreciação dos movimentos interiores de nosso espírito), somos levados a perceber que a realidade externa é apenas uma ilusão que nos faz acreditar que somos separados de tudo. E que a verdade fundamental é que somos apenas partes de uma única realidade. Acredito que eles estejam certos e que devemos buscar as realidades que se escondem atrás das cortinas opacas das simples formas e, como Vincent Van Gogh, trazê-las ao convívio da humanidade. ◀

## BIBLIOGRAFIA:

MÜHLBERGER, Richard. O Que Faz de Um Van Gogh um Van Gogh? São Paulo SP: Cosac Naify, 1993.  
ARGAN, G Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.  
BATTISTONE FILHO, Duílio. Pequena História da Arte. Campinas SP: Papirus Editora, 1995.  
CABANNE, Pierre, Van Gogh. Editorial Verbo: 1985.



*Valmir Perez*

*é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Multimeios. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato - valmirperez@gmail.com/www.iar.unicamp.br/lab/luz.*